

Categoria: CONTO

Título: A INTRUSA

Pseudônimo: Mursa

Numa tarde de vinte de agosto, enquanto o sol ainda ardia como fogo, em uma das lápides do Cemitério da Temperança, na cidade Entre Colunas, uma mosca tentava profanar a murcha flor, cujo o copo acabara de beber toda a vitalidade daquela acácia amarela.

Junto ao copo da murcha flor, uma foto 3x4 em preto e branco, com uma frase: “Aqui jaz o arrependimento”. Chega, então, um sujeito com a mesma fisionomia estampada da foto que lá estava, a mosca ali soliloquiando, refletia, se era verdade que neste lugar, todos eram iguais como irmãos.

Com os ventos laterais, que as mãos do sujeito produziam com movimentos de norte a sul, nem deu tempo para a mosca cotejar as informações recebidas, fazendo um voo cego, e batendo com a cabeça no vidro da porta de um carro parado, onde a transparência do vidro não conseguiu demonstrar a verdadeira realidade justa e perfeita.

Enquanto a mosca tentava recuperar os sentidos, sentada na maçaneta da porta, levantou-se assustada ao ver chegar um discreto homem todo de preto e um outro usando um capuz na cabeça, chamando também o sujeito da foto e vendando-o.

Sem querer a mosca caiu dentro do carro, bateu no retrovisor, e com tantas freadas foi parar no banco traseiro. Assim a mosca não conseguiu fugir daquele sequestro.

Bem no bolso da camisa branca do sujeito da foto, a intrusa foi parar. Foram várias voltas por estradas sinuosas. Finalmente o carro para em uma esquina, e todos descem. Deixaram o sujeito da foto com uma parte do peito desnudo e este foi carregado para uma sala escura, parecendo uma caverna com algumas infiltrações na parede, provavelmente as goteiras que desciam pelo telhado. Logo em seguida, pedem para que ele escreva seu testamento. Neste momento passava pela cabeça daquele homem toda sua trajetória de vida.

O homem então é retirado daquela suposta caverna, alguém o conduz pelo braço, como se fosse um sacrificador, e o homem, ainda vendado, vai parar em outro ambiente.

Ouve então alguém perguntar: “Quem vem lá”? - . Imaginava que ele era um viajante, que para entrar em terras

desconhecidas, precisava ser apresentado com um ritual de boas-vindas.

A mosca a gotejar, escorregava pelo bolso da camisa do sujeito toda vez que queria sair. Em um certo momento, a mosca pensou que seria esmagada pela ponta de uma espada, mas não foi daquela vez, pois alguém gritou: - “É do lado esquerdo”, e o coração daquele homem batia tão forte, que a mosca, intrusa naquele local, não conseguia ouvir mais nada.

Surge então o cheiro doce em um cálice, despertando o interesse da mosca. Enquanto o sujeito da foto degustava bem devagar, de repente, o líquido doce transforma-se em amargo e escorre dos lábios do homem caindo em cima da mosca, deixou-a em alerta. Enquanto gritavam: “Mentiroso!!!”, o homem era carregado pelos braços e se ouve o bater de uma porta.

A mosca precisava renovar o ar. Como todos procuram a luz, uma vela próxima a um livro num oriente próximo, foi a referência para a mosca sair voando.

Voou no exato momento em que o sujeito da foto era desmascarado. O homem emocionado, parecia uma planta nova, que acabara de deixar aquele copo sem água e ali renascia em um vaso com terra adubada para o lavradio.

A mosca voa para um estandarte pendurado em um mastro, onde as teias de aranha tecidas na parede, passam como se lhe cortasse a garganta. Lá fica ela, presa, como se guardasse todo segredo vivido naquela história tão pitoresca.

Aguardando também, o seu renascimento.